
**A ATUAÇÃO DA EDUCAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA
SOCIALISTA PARA A ATUALIDADE HISTÓRICA**

**LA ACTUACIÓN DE LA EDUCACIÓN EN EL DESARROLLO DE LA CONCIENCIA
SOCIALISTA PARA LA ACTUALIDAD HISTÓRICA**

**THE ACTION OF EDUCATION IN THE DEVELOPMENT OF SOCIALIST
CONSCIOUSNESS FOR HISTORICAL PRESENT**

Sayarah Carol Mesquita dos Santos¹

Resumo: A finalidade deste artigo consiste em analisar como a educação pode atuar no desenvolvimento da consciência socialista diante da atualidade histórica. Utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, a partir de referências teóricas como Marx (2013), Lukács (2013), Mészáros (2008, 2011), Tonet e Lessa (2012), Bertoldo (2015), Chesnais (2011), Sampaio Junior (2011), entre outros. A educação, esfera social fundada do trabalho, ao atuar na consciência dos homens pode contribuir para o desenvolvimento contínuo da consciência de classe, bem como colaborar para construção de uma nova sociedade com vista à emancipação humana.

Palavras-chave: Educação. Consciência socialista. Emancipação humana.

Resumen: La finalidad de este artículo consiste en analizar cómo la educación puede actuar en el desarrollo de la conciencia socialista ante la actualidad histórica. Utilizamos como metodología la investigación bibliográfica, a partir de referencias teóricas como Marx (2013), Lukács (2013), Mészáros (2008, 2011), Tonet y Lessa (2012), Bertoldo (2015), Chesnais (2011), Sampaio Junior (2011), entre otros. La educación, esfera social fundada del trabajo, al actuar en la conciencia de los hombres puede contribuir al desarrollo continuo de la conciencia de clase, así como a colaborar para la construcción de una nueva sociedad con vistas a la emancipación humana.

Palabras clave: Educación. Conciencia socialista. Emancipación humana.

Abstract: The purpose of this article is to analyze how education can act in the development of socialist consciousness in the face of historical actuality. We used as a methodology the bibliographic research, from theoretical references such as Marx (2013), Lukács (2013), Mészáros (2008, 2011), Tonet and Lessa (2012), Bertoldo (2015), Chesnais (2011), among others. Education, a social sphere based on work, acting in the consciousness of men can contribute to the continuous development of class consciousness, as well as collaborate to build a new society with a view to human emancipation.

Key words: Education. Socialist consciousness. Human emancipation.

Introdução

A finalidade deste artigo consiste em analisar como a educação pode atuar no desenvolvimento da consciência socialista diante da atualidade histórica, que expressa o caráter exploratório, desigual e desumano que o sistema do capital produz em proporções globais.

A realidade social demonstra que esta forma de sociabilidade atual cada vez mais aprofunda as condições de vida dos seres humanos e da humanidade, em proveito das necessidades lucrativas e mercadológicas desse sistema, colocando-se, pois, a necessidade de sua superação e destruição. Assim, o

papel da educação nesse processo é de vital importância, uma vez que ela pode atuar na formação de conhecimentos, valores e atitudes que possam desenvolver na consciência dos homens a necessidade não só de superação do capital, mas da construção de uma sociedade com vista à emancipação humana.

Utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, a partir de referências teóricas como Marx (2013), Lukács (2013), Mészáros (2008, 2011), Tonet e Lessa (2012), Bertoldo (2015), Chesnais (2011), Sampaio Junior (2011), entre outros.

Sendo assim, estruturamos o trabalho em três momentos: 1) contextualizar a atualidade histórica e a importância do desenvolvimento da consciência socialista; 2) compreender a natureza ontológica da educação (teleologia secundária) e 3) analisar como a educação pode atuar no processo de desenvolvimento da consciência socialista.

1 A atualidade histórica e a urgência do desenvolvimento da consciência socialista

A realidade da sociedade regida pela lógica do capital em seu contexto atual aprofunda ainda mais as contradições que o capitalismo produz em sua própria estrutura potencializadora da exploração do homem pelo homem.

A exploração da força de trabalho se torna a principal característica do modo de produção capitalista, baseada na criação de valor de troca e da produção do capital. Para que este último se reproduza sem limites é necessário o processo de valorização que:

[...] assume um caráter particularmente reacionário, violento e predatório, inaugurando uma época histórica marcada por recorrentes crises econômicas, grandes convulsões sociais, dramáticas comoções políticas e catastróficos desastres ecológicos. Nesse ponto, os limites do capital colidem com os limites da própria existência humana. (SAMPAIO JUNIOR, 2011, p. 200).

Com base nisso, deparamo-nos na atualidade com o seguinte quadro: acirramento das desigualdades em diversos setores da sociedade, a ascensão de organizações de cunho neofascista, a destruição de povos do oriente que sofrem com as guerras financiadas pelos interesses do capital e legitimadas pelos Estados europeus e norte-americanos, a violação de direitos humanos e sociais aos movimentos e grupos indígenas, LGBTs, de negros e mulheres, a degradação dos recursos ecológicos em escala expansiva, entre outros problemas sociais que o capital produz constantemente.

E toda essa teia na qual a sociedade em sua atualidade se encontra é inerente à lógica do sistema do capital, que necessita ainda mais produzir desigualdade e miséria ao mesmo tempo que produz riquezas, porém esta que é produzida pelo conjunto dos trabalhadores a eles não pertencem, mas aos donos dos meios de produção.

Além disso, essa condição alienável e esmagadora do capital se legitima e se reproduz não apenas pela existência e manutenção da força de trabalho, mas também pelo “manto” do Estado que por meio da sua força legal e política reproduz os interesses do ordenamento sociometabólico do capital (MÉSZÁROS, 2011).

Para Mészáros o sistema do capital:

[...] sujeita cegamente aos mesmos imperativos a questão da saúde e a do comércio, a educação e a agricultura, a arte e a indústria manufatureira, que implacavelmente sobrepõe a tudo seus próprios critérios de viabilidade, desde as menores unidades de seu ‘microcosmo’ até as mais gigantescas empresas transnacionais, desde as mais íntimas relações pessoais aos mais complexos processos de tomada de decisão dos vastos monopólios industriais, sempre a favor dos fortes e contra os fracos. (MÉSZÁROS, 2011, p. 96).

O papel do Estado, nesse sentido, tem um peso imprescindível na garantia do avanço e da reprodução da acumulação e expansão do capital, pois ele pertence (não é idêntico) à materialidade do sistema do capital e “corporifica a necessária dimensão coesiva de seu imperativo estrutural orientado para a expansão e para a extração do trabalho excedente. É isto que caracteriza todas as formas conhecidas do Estado que se articulam na estrutura da ordem sociometabólica do capital” (MÉSZÁROS, 2011, p. 121). O Estado, portanto, atua como patrocinador direto do capital.

Para Chesnais (2011) o sistema do capital não produz apenas uma crise econômica e social, mas caminha para uma crise bem mais ampla: crise de civilização, na qual explorados e dominados já estão mergulhados. Os trabalhadores, logo se veem,

[...] confrontados com um conjunto de medidas tomadas por governos e empresas cujo objetivo é não só jogar o peso da crise em cima deles, como usar a mudança das relações de força em proveito do capital que resulta do aumento do desemprego e, com isso, agravar ainda mais as condições da exploração. (CHESNAIS, 2011, 187-188).

Tonet e Lessa (2012) argumenta que um dos traços do sistema do capital se constitui na submissão da humanidade aos seus interesses, aumentando-se o poder de controle e opressão sobre os indivíduos e desenvolvendo-se “relações sociais cada vez mais desumanas em situações cada vez mais desfavoráveis aos seres humanos de todo o planeta” (TONET; LESSA, 2012, p. 70).

Nesse sentido é urgente, possível e necessário o desenvolvimento de uma teoria que esteja atrelada a perspectiva de mudança radical desse sistema, que permita compreender a realidade social para assim podê-la transformar, a qual só é possível pela obra do conjunto dos trabalhadores.

Vemos que na atualidade histórica,

[...] o capital se converteu em um complexo social de tal modo alienado e alienante que a única possibilidade de recuperarmos nossa capacidade de fazer humanamente a história é a destruição do sistema do capital em sua totalidade. E esta destruição é a revolução proletária. Esse é o significado da tese de Marx, retomada anos depois por Lukács e por Mézáros, da contradição antagônica entre o desenvolvimento das forças produtivas (humanas) e o desenvolvimento da capacidade produtiva do capital. (TONET; LESSA, 2012, p. 70-71, grifo do autor).

Assim, urge a importância de armar a classe trabalhadora por uma teoria que a oriente na transformação da realidade na qual estão submetidos, bem como o desenvolvimento de um processo contínuo que vise à emancipação humana que implica uma “forma de sociabilidade superior ao capitalismo e que seja, igualmente, superior ao sistema do capital” (ROSSI; ROSSI, 2018, p. 255).

Desta forma, a educação ao atuar na consciência dos homens pode contribuir para o desenvolvimento contínuo da consciência de classe e, logo, a necessidade de construirmos uma nova forma de sociedade. Assim sendo, o tópico abaixo busca explicitar a natureza ontológica da educação e adiante abordar o papel que ela desempenharia no processo de formação da consciência socialista.

2 A educação como teleologia secundária

Para entendermos como a educação pode atuar no desenvolvimento da consciência socialista é necessário considerarmos a função ontológica que a mesma possui no processo de reprodução do ser social, apreender a sua gênese, para não somente entender a base que origina a educação, mas o seu papel, limites e possibilidades na totalidade social.

Deste modo, na ontologia marxiana a educação é um complexo parcial, uma esfera fundada do trabalho. Este por sua vez, nas palavras de Marx é “um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza” (MARX, 2013, p. 225). É o trabalho o ato fundante do ser social, é ele que permite o intercâmbio entre o homem e a natureza, a fim de produzir valores de uso necessários à manutenção e reprodução da vida humana.

Na perspectiva marxiana, o ser ontológico possui a esfera orgânica, biológica e social (LESSA, 2016). Para que o ser alcance o nível social no desenvolvimento é necessária a atividade vital humana que permite o processo de elevação do ser da sua condição biológica para o ser social, essa atividade mediadora é o trabalho. Vale considerar que não nos referimos ao trabalho em suas formas mais desenvolvidas, a exemplo do trabalho assalariado, mas salientamos nessa abordagem o trabalho em sua essência, enquanto protoforma da atividade humana.

No processo de trabalho pressupõem-se dois momentos essenciais, nos quais Lukács aprofunda em sua análise acerca do trabalho na ontologia marxiana. O primeiro momento é a teleologia que é a finalidade posta, o fim que se põe no processo de trabalho com a finalidade de atingir um determinado objetivo, por exemplo, se o objetivo é produzir o valor de uso mesa, é necessário ao homem pôr esta finalidade muito antes de iniciar o processo de trabalho que desencadeará no resultado da produção do valor de uso. Neste processo do pôr do fim, a prévia-ideação se faz presente, uma vez que o homem elabora em sua mente e planeja a produção de determinado valor de uso, pensa em quais instrumentos são mais adequados e qual a maneira mais eficaz de atingir a finalidade posta.

Assim, se coloca também a causalidade nesse processo que é “um princípio de automovimento que repousa sobre si próprio e mantém esse caráter mesmo quando uma cadeia causal tenha o seu ponto de partida num ato de consciência” (LUKÁCS, 2013, p. 48).

Contudo, o processo de trabalho não se restringe a sua forma mais rudimentar, que consiste na relação entre homem e natureza para produção de valor de uso. No desenvolvimento do ser social se coloca cada vez mais a necessidade de incorporação de outras esferas sociais que complexifica o ser e permite a elevação de sua socialidade. A educação vai ser uma dessas esferas que permitirá esse processo e que também faz parte do complexo do trabalho.

Lukács assinala que “é possível que a peculiaridade específica do ser social fique ainda mais evidente no complexo de atividades que costumamos chamar de educação” (2013, p. 176). Diferente dos animais em que a própria espécie se encarrega de ensinar determinados comportamentos, os homens

precisam da educação, pois é ela que “capacitá-los a reagir adequadamente aos acontecimentos e às situações novas e imprevisíveis que vierem a ocorrer depois em sua vida” (2013, p. 176).

A essência ontológica da educação se encontra no trabalho, por isso só podemos compreendê-la tomando o trabalho como seu fundamento, porém, a ele não se reduz nem tampouco se pode confundir educação com trabalho, pois a primeira é uma teleologia secundária e o outro é uma teleologia primária. Todavia, mesmo com as distinções ontológicas, a esfera fundante – trabalho – e a esfera fundada – educação – não estão isoladas entre si, mas se determinam reciprocamente, se articulam no conjunto da totalidade social.

A natureza da educação “consiste em influenciar os homens no sentido de reagirem a novas alternativas de vida do modo socialmente intencionado” (LUKÁCS, 2013, p. 178). Portanto, a educação contribui para a elevação do ser a um patamar superior em sua reprodução, se tornando um complexo mediador que dotará o indivíduo de conhecimentos, valores, habilidades necessários à reprodução do ser social, atuando na formação da consciência dos homens (TONET, 2016; BERTOLDO, 2015).

Além disso, a educação como teleologia secundária, permite ao homem a formação para decidir entre as alternativas postas na realidade social, logo, a educação tanto é influenciada como capaz de influenciar também a materialidade. Nas palavras de Lukács (2013):

Por um lado, a educação do homem é direcionada para formar nele uma prontidão para decisões alternativas de determinado feitio [...], como a totalidade de todas as influências exercidas sobre o novo homem em processo de formação. Por outro lado, a menor das crianças já reage à sua educação, tomada nesse sentido bem amplo, [...] e a formação de seu caráter, é um processo continuado das interações que se dão entre esses dois complexos. (LUKÁCS, 2013, p. 295).

A partir da compreensão da gênese ontológica da educação, é possível pensarmos tanto na sua função na totalidade social, bem como o papel que ela pode desenvolver no processo de formação da consciência socialista.

3 O papel da educação

Ao sabermos da necessidade urgente, possível e necessária de transformar a realidade social e construir uma nova sociabilidade pautada no trabalho associado, que consiste na produção e distribuição livre, coletiva e consciente das riquezas produzidas pelos homens (TONET, 2014). Enfatiza-se o papel que a educação pode corroborar nesse processo, considerando a sua natureza ontológica e as vias em que se apresentam seus limites, mas também as suas possibilidades de atuação.

Para Mészáros (2008):

O papel da educação não poderia ser maior na tarefa de assegurar uma transformação socialista plenamente sustentável. A concepção de educação aqui referida considerada não como um período estritamente limitado da vida dos indivíduos, mas como o desenvolvimento contínuo da consciência socialista na sociedade como um todo – assinala um afastamento radical das práticas educacionais dominantes sob o capitalismo avançado. (MÉSZÁROS, 2008, p. 79).

Essa perspectiva aponta que a educação no seu sentido amplo, que não se restringe a um período ou fase da vida, mas que se faz presente na vida dos indivíduos em todo momento, permite o desenvolvimento contínuo de uma consciência de classe. E esse apontamento indica a formação de um pensamento que se dirige para/com os interesses dos trabalhadores, em que possa ser suscitada a consciência crítica em relação ao posicionamento histórico da classe trabalhadora, assim como a vital importância da transformação da sociedade por essa classe.

Compreende-se que “as causas sociais devem e podem ser enfrentadas na estrutura educacional socialista em um nível adequado: como causas historicamente originadas e determinações estruturais claramente identificáveis, bem como desafiáveis” (MÉSZÁROS, 2008, p. 88). Porém, vale destacar que não atribuímos à educação um papel no qual ela não pode realizar que consiste na transformação da materialidade, do sistema sociometabólico do capital.

Saviani, um educador brasileiro marxista, termina atribuindo à educação um caráter revolucionário (SAVIANI, 1999; 2013), como se esta pudesse ter a função de transformar radicalmente a estrutura material de uma dada sociedade. Se isso fosse verídico, países desenvolvidos como a Suíça, o Canadá, o Japão, dentre outros, que priorizam o investimento de recursos na educação desde a infância e apresentam altos indicadores e padrões de qualidade, já teriam eliminado os seus problemas sociais diante de sistemas educacionais que são destacados como os melhores no mundo. Porém, a realidade social mostra que mesmo com uma educação de qualidade, estes países continuam mantendo a mesma estrutura material capitalista centrada no trabalho assalariado e na exploração do homem pelo homem, permanecendo e agravando os problemas sociais cuja raiz está localizada no sistema do capital.

E para transformar radicalmente as condições em que se produzem a existência humana, é necessário modificar completamente a estrutura econômica que rege esse sistema, isto é, a forma de trabalho vigente, a totalidade social, e não apenas a educação, que é um complexo parcial desta totalidade.

Assim os problemas sociais e suas causas devem ser não só compreendidas, mas mudadas a partir da estrutura material que rege a sociedade atual, isto é, a transformação no modo de trabalho assalariado.

Contudo, cabe mencionar que esse processo de mudança de uma forma social para outra pressupõe a interferência de esferas sociais que fazem parte da totalidade, sendo a educação uma delas. Pois “é impossível alcançar os objetivos vitais de um desenvolvimento histórico e sustentável sem a *contribuição permanente* da educação ao processo de transformação *conscientemente visado*” (MÉSZÁROS, 2008, p. 90, grifo do autor).

A colaboração da educação no processo de formação da consciência socialista não significa uma conscientização contemplativa, mas uma conscientização que se posiciona na realidade objetiva, na qual pode ser suscitado o pensamento crítico contra a lógica internalizadora do capital como a elaboração de estratégias que corroborem para a superação desse sistema. (MACENO, 2016). Confirma-se assim, nas palavras de Mézàros (2008, p. 65, grifo do autor), que a educação deve elaborar “estratégias apropriadas e

adequadas para mudar as condições objetivas de reprodução, como para a *automudança consciente* dos indivíduos chamados a concretizar a criação de uma ordem social metabólica radicalmente diferente”.

A educação como um processo social inerente a formação de valores, conhecimentos e habilidades nos indivíduos deve está atrelada a uma perspectiva teórica e social que busca atender aos interesses dos trabalhadores, permitindo que estes entendam a dinâmica que movimenta a realidade social no conjunto do processo histórico e as condições estruturais em que se encontram na atualidade a classe trabalhadora, pois,

[...] a necessidade de uma mudança estrutural radical e abrangente na ordem sociometabólica estabelecida carrega consigo a exigência da *redefinição qualitativa* das *determinações sistêmicas* da sociedade como a perspectiva geral de transformação. Ajustes parciais e melhorias marginais na ordem socioreprodutiva existente não são suficientes para cumprir o desafio. Pois poderiam apenas reproduzir em uma escala ampliada – e, de fato, com o passar de nosso tempo histórico opressivamente restrito, necessariamente também agravada – os perigos identificáveis de forma clara tanto no domínio da destruição econômica e militar, como no plano ecológico. É por isso que somente a instituição e a consolidação da *alternativa hegemônica* ao controle sociometabólico do capital pode oferecer uma saída para as contradições e antagonismos de nosso tempo. (MÉSZÁROS, 2008, p. 108, grifo do autor).

Assim, a realidade social demonstra que esta forma de sociabilidade atual cada vez mais aprofunda as condições de vida dos seres humanos e da humanidade, em proveito das necessidades lucrativas e mercadológicas desse sistema. Coloca-se, pois, a necessidade de superação e destruição da ordem sociometabólica do capital que reproduz em níveis cada vez mais elevados as desigualdades, a exploração e a miséria social.

Portanto, o papel da educação nesse processo é de vital importância, uma vez que ela pode atuar na formação de conhecimentos, valores e atitudes que possam desenvolver na consciência dos homens a necessidade não só de superação do capital, mas da construção de uma sociedade com vista à emancipação humana.

Considerações finais

A partir da análise e discussão apresentada, é importante destacar que em face da atualidade histórica cada vez mais desumana, predatória e exploratória que o sistema do capital nos impõe, é mais do que necessário, possível e urgente a transformação da realidade, a construção de uma nova sociabilidade que tem como horizonte a emancipação humana.

Deste modo, a educação como uma esfera social que influencia a consciência dos homens e que forma nele os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para a reprodução do ser social, corrobora significativamente para o processo de desenvolvimento da consciência socialista da classe trabalhadora e para o processo de transformação radical da sociedade.

Porém, vale salientar que a educação por si só não pode transformar a materialidade, pois a sua natureza ontológica não é fundante mas fundada. E certamente não é possível também pensar nesse processo revolucionário sem a incorporação da esfera educativa diante da totalidade social.

O movimento do real na circunstância histórica nos leva a não só constatar e compreender os males sociais que nos permeiam e o fundamento deles que consiste no sistema centrado na lógica do capital, mas nos impulsionam a pensar também no imperativo vital de mudar a forma que organiza e rege a sociedade, de pensar como podemos construir uma nova forma de sociabilidade que eleve as potencialidades que o homem pode desenvolver e coloque a necessidades humanas e não do mercado em questão.

Assim, a educação, considerando seus limites e possibilidades a partir da sua essência ontológica, pode agir de forma contínua na formação da consciência socialista dos trabalhadores, necessária ao processo revolucionário de transformação da realidade social. Para a educação, que não se esgote as possibilidades de atuação!

Referências

- BERTOLDO, Edna. **Trabalho e educação no Brasil**: da centralidade do trabalho à centralidade da política. 2. ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.
- CHESNAIS, François. Não só uma crise econômica e financeira, uma crise de civilização. In: JINKINGS, Ivana; NOBILE, Rodrigo. (Orgs.). **István Mészáros e os desafios do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 187-198.
- LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MACENO, Talvanes Eugênio. **O complexo social da educação na reprodução da sociedade**: entre a autonomia e a dependência. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.
- MARX, Karl. O processo de trabalho e o processo de valorização. In: MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013. V. 1.
- MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.
- _____. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2011.
- ROSSI, Rafael; ROSSI, Aline Cristina Santana. Trabalho, ideologia e emancipação humana. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 10, n. 1, p. 250-258, mai., 2018.
- SAMPAIO JUNIOR, Plínio de Arruda. A crise estrutural do capital e os desafios da revolução. In: JINKINGS, Ivana; NOBILE, Rodrigo. (Orgs.). **István Mészáros e os desafios do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 199-210.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: polêmicas do nosso tempo. 32. ed. São Paulo: Autores Associados, 1999.
- _____. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. rev. São Paulo: Autores Associados, 2013.
- TONET, Ivo. **Educação contra o capital**. 3. ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2016.
- _____. Trabalho associado e extinção do Estado. **Revista Rebel**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 223-239, fev., 2014.
- _____; LESSA, Sérgio. **Proletariado e sujeito revolucionário**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

Notas

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas e Professora da Educação Básica. Atualmente realizo estudos na área de trabalho e educação, ontologia marxiana e políticas educacionais. Email: sayarahcarol@hotmail.com